

SYLWIA MIKOŁAJCZAK
Universidade Adam Mickiewicz, Poznań

OS TIPOS DAS CONSTRUÇÕES COM CLIVAGEM EM PORTUGUÊS

Abstract. Mikołajczak Sylwia, *Os tipos das construções com clivagem em português* [The cleft constructions types in Portuguese]. *Studia Romanica Posnaniensia*, Adam Mickiewicz University Press, Poznań, vol. XXIX: 2003, pp. 187-196, ISBN 83-232-1232-5, ISSN 0137-2475.

This paper deals with the four types of cleft constructions in Portuguese. As the mentioned constructions are deeply embedded in the emphatic process of focalisation, we try to give, in the introduction, clear definitions of the terms involved in the process, concentrating mainly on Focus and Topic. The corpus is constituted by the typology of the cleft constructions in Portuguese, containing pseudo-cleft, semipseudo-cleft, and the proper cleft constructions, as well as the “é que” structures. We try to make an analysis of the focus position in the samples coming from such authors as Casteleiro, Vilela, Sedano and our own examples.

This paper is organised in three main parts: 1. Introduction; 2. Cleft construction types in Portuguese; 3. Conclusions.

1. INTRODUÇÃO

A língua, um instrumento principal de comunicação, no âmbito da sua função informativa, dispõe dos mecanismos que ajudam distinguir entre uma informação de maior e menor importância, quer dizer, existem no sistema da língua modos de realce dos constituintes escolhidos pelo emissor. Partindo deste ponto, é possível afirmar, que o falante pode expressar o sentido da frase simples:

A guerra começou

atribuindo mais importância ao constituinte que escolhe, como mais relevante numa certa situação comunicativa, por meio de uso, entre outros modos, de mudança de ordem das palavras:

Começou a guerra;

ou deslocando a força do acento principal da frase, ou por usar uma das construções de realce:

Foi a guerra que começou.

O objectivo final de todos os actos comunicativos é, em princípio, provocar alguma mudança no estado do armazém informativo do destinatário. Por isso, o emissor, a fim de atingir esta meta, organiza a sua enunciação partindo tipicamente de uma porção de informação que o interlocutor presumivelmente já possua, continuando, a seguir, a acrescentar outras informações que ele pensa são novas para o destinatário. Essa ordem, embora seja logicamente e pragmaticamente favorecida, já que os elementos conhecidos na parte inicial da frase ajudam na melhor orientação no sentido e servem, na mesma, de uma espécie de base para introduzir a informação nova, não é a única opção que o emissor pode empregar para se exprimir.

O carácter funcional da língua reflecte-se na estrutura sintáctica, ou seja, é a função que determina a construção final da frase. A atribuição das funções pragmáticas é o mecanismo linguístico que define a característica de linguagem. Desse modo, a estrutura gramatical difere de acordo com a atribuição de diferentes funções pragmáticas, com a qual o falante organiza os correspondentes elementos na enunciação. Em outras palavras, a propriedade da frase é determinada por os factores propriamente pragmáticos, tais como conhecimento, crença, suposições, opiniões e sentimentos do emissor no momento de interacção comunicativa.

Estes assuntos têm sido aqui mencionados porque o artigo tem por objectivo apresentar um tipo de estruturas de realce, nomeadamente as construções com clivagem no português e as suas variações estruturais pelos quais o falante quer sublinhar certos elementos de enunciação.

Na verdade, este tipo de construção sintáctica corresponde ao fenómeno linguístico chamado *focalização*. Assim, emerge o termo *foco* que é estreitamente relacionado ao processo mencionado antes.

Foco aparece na literatura como uma categoria ambígua, já que, as vezes “é a informação nova (Dik, 1989), equivalente a rema; outras vezes é o comentário (Tarallo & Kato, 1989), opondo-se nesse caso, a tópico; ou ainda o elemento ao que o falante quer dar realce (Dik, 1989); ou simplesmente contrastar (Chafe, 1976)”¹.

Será inevitável, neste estudo, justapor a função do foco a esta do tópico. Os dois são atribuídos às funções pragmáticas intra-oracionais, que aparecem como elementos de predicação. Convém explicar que segundo a teoria de ordenação de constituintes da Gramática Funcional proposta por Dik (1989), em cada língua pode-se dividir uma frase em constituintes extra-oracionais e os intra-oracionais. Os primeiros não fazem parte da predicação propriamente dita e não são essenciais à

¹ E. G. Pezatti, 1998, *Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco*, Alfa, n. 42, 1998, São Paulo, p. 133-150.

integridade interna da estrutura da frase; isto é, subtraídos não provocam mudanças na integridade estrutural e gramatical da oração. A essa categoria pertencem o *tema* e *antitema*.

No entanto, a explicação detalhada destas funções pragmáticas recaia fora da matéria embarcada neste estudo e por isso não vamos analisá-las, mas concentrar-nos melhor nas funções intra-oracionais, que representam o *foco* e o *tópico* e que nos vão interessar mais no caso das construções com clivagem.

As duas funções pragmáticas intra-oracionais são sempre atribuídas a algum elemento da predicação. Conforme o esquema representado em baixo:

P2, P1(V) s (V) o (V) , P3²

O *foco* e o *tópico* obtêm posições marcadas no esquema (P1), onde situa-se a base da frase, enquanto (P2) e (P3) são reservadas para as funções extra-oracionais, tema e antitema.

O *tópico* é um elemento que representa a entidade de que se fala na predicação. Em outras palavras na predicação o falante diz alguma coisa sobre o *tópico*. Embora seja um constituinte pragmático, é também um elemento de predicação, argumento ou satélite, e desempenha funções sintáticas e semânticas. No mesmo tempo, não tem que ser necessariamente o sujeito da frase.

Por outro lado, o *foco* representa a informação relativamente mais importante ou saliente no contexto dado. O emissor avalia a informação contida no foco como essencial para o destinatário. Por isso, o acento mais forte da frase recai no elemento que leva a função de foco. Mas, a entonação não é a única maneira de focalização. Focalização envolve, também, um mecanismo sintático que por meio de umas construções especiais (p.e. as clivadas) ajuda pôr um certo elemento de enunciação em relevo, ou seja, na posição de foco. Tal função pragmática assinala sempre algum contraste entre ele e as outras partes da informação na predicação. Assim, o emissor tenta chamar a atenção do destinatário ao elemento focalizado, posicionando-o estrategicamente no início da predicação.

A seguir, vamos examinar as estruturas que, possuindo um valor focalizante, servem de instrumento de ênfase e contraste na frase, que são os casos mais típicos de focalização na língua portuguesa.

2. OS TIPOS DAS CONSTRUÇÕES COM CLIVAGEM NO PORTUGUÊS

Ênfase no nível da frase pode ser realizada por meio das construções com clivagem. Este tipo da frase, ainda que frequente e variada neste caso, não é unicamente reservado para o português. Quanto a terminologia gramatical, a

² E. G. P e z a t t i, op. cit., p. 135. Os parênteses indicam aqui a posição variável do constituinte V.

expressão, a construção com clivagem equivale às espanhóis cláusulas “hendidias” ou inglesas “cleft sentences”. Ainda assim, nota-se a maior variedade e a presença das construções que não têm parecidas nem no espanhol, nem no inglês.

As construções com clivagem em português podem ser divididas nas seguintes categorias (Casteleiro, 1976/79: 97)³:

– Pseudo-clivadas:

p. e.: *O que o Rui comeu ontem foi bolos.*

– Semipseudo-clivadas: (unicamente em português)

O Rui comeu ontem foi bolos.

– Clivadas:

p. e.: *Foi bolos (o) que o Rui comeu ontem.*

– Construções com *é que*:

Ex.: *Bolos é que o Rui comeu ontem.*

– variante “*é mas é*”

Todas as construções com clivagem, sem nenhuma exceção, servem para assinalar o *foco* da frase, quer dizer, marcar o elemento mais importante, que contém a informação não necessariamente mais nova, mas a mais essencial para os interlocutores. Isto faz-se por meios dos processos sintáticos acompanhados pelos mecanismos fonéticos. Neste trabalho abordamos só os primeiros.

2.1. As construções pseudo-clivadas. Um dos exemplos das chamadas construções representam as pseudo-clivadas que operam do seguinte modo:

O que parece é que as malas se extraviam. (Casteleiro, 1976/79: 95)

O que o Rui comeu ontem foi bolos. (Casteleiro, 1976/79: 97)

Mas o que não sabem é apanhá-la. (Casteleiro, 1975: 73)⁴

Observamos que o processo de clivagem das construções supracitadas composta a presença das sequências *o que ser*. Esta expressão clivadora permite focalizar nas frases citadas as frases relativas: “... *que as malas se extraviam*”; substantivos: “*bolos*” ou infinitivos: “*apanhá-la*”.

Ainda mais, existem outras possibilidades estruturais onde encontramos diversos tipos de sequências clivadoras no género de *o que... foi*, como por exemplo:

³ J. M. Casteleiro, *Sintaxe e semântica das construções enfáticas com “é que”*, Boletim de Filologia, t. XXV, 1976/79, p. 97-163.

⁴ J. M. Casteleiro, *Sintaxe do português falado no interior*, Boletim de Filologia, t. XXIV, 1975, p. 57-74.

Quem comeu a maçã foi o Pedro. (Casteleiro, 1976/79: 131)

Quem chamou os bombeiros fui eu.

Aquilo que caiu da mesa foi o livro.

O sítio onde nos vamos encontrar é no Porto.

Quando se realiza o encontro internacional é em Março.

onde “o que” é trocado por vários pronomes ou advérbios relativos.

Podemos observar uma grande variedade nos primeiros elementos das sequências clivadoras, o traço comum, contudo, é que o *foco* fica sempre à direita do segundo elemento *foi* ou *é* (sempre uma forma conjugada do verbo “ser”). Em pseudo-clivadas o verbo “ser” está sempre relacionado com as sequências *o que*, *quem*, etc. A forma do verbo “ser” pode suprimir-se só se o primeiro elemento for suprimido:

O que parece é que as malas se extraviaram.

Parece que as malas se extraviaram.

Se deixar “é” resulta uma semipseudo-clivada:

Parece é que as malas se extraviaram.

2.2. A frase semipseudo-clivada é uma construção específica para o português. Distingue-se do tipo anterior por apagamento da sequência pronominal no início da frase. O *foco* fica, pois, na mesma posição, quer dizer, à direita do verbo “ser”, ou seja, o objecto directo do verbo principal “a maçã”:

O Pedro comeu foi a maçã.

Nas estruturas semipseudo-clivadas apenas o singular do verbo “ser” é permitido:

O Miguel come é bolos.

**O Miguel come são bolos.*

Em certos casos a forma verbal “é” aparece reforçada pela adversativa “mas”, que exemplifica a seguinte frase:

Mas, mas vêm mas é da Guarda, esses, os senhores doutores. (Casteleiro, 1975: 73)

Ele está mas é manobrando os cordelinhos por trás! (Vilela, 1999: 301)

2.3. Ao contrário às construções anteriores, os dois restantes processos, as clivadas e as construções com *é que*, assinalam o *foco* à esquerda do verbo:

É o Pedro que gosta de lulas.

Fui eu quem chamou os bombeiros.

Estruturalmente, a clivada consiste no verbo copulativo “ser”, conjugado (*é*, *fui*, etc.), o *foco* (o elemento sublinhado), e uma cláusula subordinada que começa com um pronome ou um advérbio relativo (neste caso *que*, *quem*).

Estas construções têm a mesma estrutura em outras línguas:

Fue en ese lugar donde le sorprendió el perseguidor. (Sedano, 1995: 354)

It is Ted who broke the plane.

Mesmo que a base estrutural seja igual para as línguas mencionadas, observam-se algumas diferenças individuais quanto ao uso do pronome relativo. O papel deste elemento não consiste só em formar a ligação entre o *foco* e a subordinada, mas também, como é capaz de transferir os traços sintácticos e semânticos, representa, ao mesmo tempo o *foco*, expressando-o com a maior claridade. Em outras palavras o emprego das diversas formas: *quem*, *quienes*, *donde*, *who*, etc. ajuda reconhecer facilmente as características sintácticas e semânticas do *foco*. Contudo, por razões da economia, a maioria das línguas opta pelo uso do pronome relativo *que*.

Segundo a análise feita por M. Sedano⁵ dos textos narrativos em cinco línguas românicas: catalão, francês, espanhol, italiano e português, que teve por objectivo estabelecer a distribuição do relativizador “que”, em português a tendência de usar *que* atinge 87% dos casos, e em espanhol só 8%. A mesma autora afirma que o emprego de *que* parece categórico quando o *foco* não cumpre as funções sintácticas do sujeito. No caso contrário, em 50% dos casos usa-se *que*, e na restante metade empregam-se outros relativizadores:

Foi o Luís quem disse... (*foco* – sujeito)

Não é Mena que o diz... (*foco* – sujeito)

Foi aí que o cortejo sofreu um estremecimento de gáudio... (*foco* – cumprimento circunstancial de tempo)

Em espanhol o uso de *que* é muito mais reduzido. Emprega-se quando o *foco* funciona como cumprimento circunstancial:

es por eso que ...el resultado es siempre...(*foco* – CC de causa)

Era ella quien corría con la mayoría de los gastos.... (*foco* – sujeito)

Es a ellos a quienes se asemejan las aguas... (*foco* – objecto indirecto)

A frase clivada é semanticamente equivalente ao processo de inserção de “*é que*”. Ambas assinalam o *foco* à esquerda do verbo. Ainda mais, na linguagem popular existem frases que representam uma aglutinação entre a frase clivada e a construção com “*é que*”:

Foi o sindicato é que contestou o ministro.

2.4. Outra forma enfática utilizada no português é a expressão “*é que*”. Esta construção, típica na língua falada, permite enfatizar o sintagma à sua esquerda, implicando simultaneamente uma certa ênfase contrastiva, como é expresso nos seguintes exemplos:

Estes livros, e não aqueles, é que são caros. (Casteleiro, 1976/79: 100)

⁵ M. Sedano, *Variación de las hendidas en cinco lenguas romances*, Anuario de la Lingüística Hispánica, XI, 1995, p. 353-366.

O papel semântico de *é que* é pôr uma parte da frase em realce, mas pode suprimir-se sem a mudança do sentido e sem que as frases se tornem agramaticais:

Estes livros é que são caros.

Estes livros são caros.

Concentrando-nos na natureza morfológica do elemento *é que*, reparamos em que o verbo “ser” desta expressão não mantém as propriedades estruturais de outros verbos, quer dizer, a flexão em tempo e a concordância com o sujeito, que podemos verificar nos seguintes exemplos:

*Estes livros é que são caros, e não *Estes livros são que são caros.*

*Estes livros é que eram caros, e não *Estes livros era que eram caros.*

Desta comparação podemos concluir que o verbo “*é*” da expressão *é que* não mostra as qualidades duma plena forma do verbo “ser”.

O outro elemento integrante da analisada expressão – “que”, também não tem uma clara forma gramatical. Ao analisá-lo notamos que o elemento “que” não funciona como uma conjunção integrante da ligação entre o verbo “ser” e a estrutura completiva do sujeito, como acontece nos exemplos:

Bom é que a inflação seja dominada.

que neste caso é capaz de transformar-se em:

Que a inflação seja dominada é bom

“Que” na expressão enfática “*é que*” não admite esta transformação, por isso concluímos que “que” componente da sequência “*é que*” não é conjunção integrante. Também, não mostra as características dum pronome relativo, só omitindo “ser” muda naquele mas, ao mesmo tempo, modifica-se inteiramente o sentido da frase:

Estes livros que são caros.

Contudo, os dois elementos são tão fortemente ligados entre si que não existe nenhuma possibilidade de inserir novos elementos entre “*é*” e “que” sem alterar a estrutura da frase.

Em suma, depois todas as observações, podemos concluir que: “a expressão *é que* funciona nas estruturas sintáticas de superfície como um morfema, isto é, uma unidade mínima de significação, insusceptível de segmentação”. (Casteleiro, 1976/79: 103).

O que é, então, o elemento “*é que*”?

Já decidimos que apesar de ser formado de duas formas gráficas é uma unidade morfológica, cujo papel semântico é enfatizar contrastivamente o sintagma à sua esquerda. Implica, pois, uma certa atitude do falante perante o conteúdo da frase. Tal atitude é, então, de natureza modal e modifica a frase no mesmo modo como os advérbios modais, p.e.: *bem, mal*, etc. Segundo Casteleiro, “(...) “*é que*” tem o

mesmo comportamento dos advérbios modais”⁶. De ponto de vista, ora semântico, ora sintáctico ambos possuem as mesmas propriedades.

No seu aspecto integral e compacto o elemento “é que” mostra certos traços do carácter fraseológico, compartilhados por outras expressões de este tipo, p.e. “es que” no espanhol.

Todavia, tomamos em consideração que a expressão “é que”, é mesmo frequente em frases declarativas na sua função enfática (veja os exemplos):

Os árbitros é que estão a assustar os clubes! (Vilela, 1999: 302)⁷

Isso é que eu lhe garanto! (Vilela, 1999: 302)

Da terra é que nascem as flores! (Vilela, 1999: 302)

Eu é que quero ir.

e não mostra as mesmas propriedades nas frases exclamativas e do modo imperativo, ora pelo facto de não aparecer nelas, ora pela presença limitada e condicionada.

No caso das frases imperativas a ocorrência de “é que” é impossível, o que resulta da natureza das entidades deste tipo. O imperativo implica locuções restritas, determinadas, com a vontade do falante claramente marcada. Ora, como sinalamos antes, “é que” tem o valor semântico contrastivo, mas as frases imperativas na sua expressão directa, não admitem nenhum contraste. Podíamos ilustrar a impossibilidade de ocorrência de “é que” nas imperativas com os seguintes exemplos:

Tu realiza o teu trabalho a tempo! (Casteleiro, 1976/79: 109)

* *Tu é que realiza o teu trabalho a tempo!*

Vocês saiam imediatamente!

* *Vocês é que saiam imediatamente!*

Nota-se nos exemplos a incompatibilidade total entre “é que” e as frases imperativas.

Quanto às frases exclamativas, “é que” emprega-se com algumas restrições. Procuremos estabelecer a regra que rije a ocorrência de “é que” ao analisar os exemplos:

a. *O Paulo apanhou cá um pontapé!*

b. *O Paulo é que apanhou cá um pontapé!*

a. *Que cidade linda é Lisboa!*

b. * *Que cidade linda é que é Lisboa!*

a. *Onde ele foi parar!* (Casteleiro, 1976/79: 111)

b. *Onde é que ele foi parar!*

a. *Quão difícil se torna suportar as contrariedades!* (Casteleiro, 1976/79: 111)

b. * *Quão difícil é que se torna suportar as contrariedades!*

⁶ J. M. Casteleiro, op. cit., p. 105.

⁷ M. Vilela, *Gramática da língua portuguesa*, Livraria Almedina, 1999, Coimbra.

Da análise podemos concluir que “*é que*” não ocorre com os pronomes ou advérbios de natureza exclamativa: *que*, *quão*, etc. Nas outras frases tem o mesmo valor enfático.

“*É que*” enfático e interrogativo possuem relativamente as mesmas propriedades semânticas e sintáticas. No caso das interrogativas totais e parciais (pronominais e adverbiais) “*é que*” tem uma função propriamente enfática:

Os estudantes é que contestaram a direcção? (Casteleiro, 1976/79: 106)

O sindicato é que reclamou o quê? (Casteleiro, 1976/79: 106)

O “*é que*” enfatiza aqui o sintagma nominal à sua esquerda, o que acontece no caso do “*é que*” enfático propriamente dito nas frases declarativas. A situação parece ser diferente nas interrogativas do outro tipo, (muito frequentes em português), p. e.:

O que é que o sindicato reclamou?

Neste caso “*é que*” tem pouco valor enfático. À sua esquerda está o pronome interrogativo e já não o sintagma nominal. O pronome não tem uma definida especificação semântica, por isso não pode ser propriamente enfatizado. Do ponto de vista sintático, “*é que*” emprega-se para evitar a inversão sujeito – verbo, obrigatória nas perguntas sem “*é que*”:

O que reclamou o sindicato?

* *O que o sindicato reclamou ?*

Em suma, confrontando todas as ocorrências do “*é que*”, as das frases declarativas e algumas das interrogativas e exclamativas, representam um meio de expressão da ênfase.

3. CONCLUSÃO

Apresentamos, pois, os processos clivadores usados pelos falantes do português, quer para reforçarem o que eles vão comunicando, quer para salientarem determinadas partes de comunicação, quer para fazerem apelo à atenção dos seus interlocutores.

Examinamos os quatro tipos das construções focalizantes, dos quais os pseudo e semipseudo clivadas focalizam o elemento à direita do verbo *ser*, e os restantes, as próprias clivadas e a expressão *é que* colocam o foco à sua esquerda. Portanto, o que as quatro estruturas têm em comum é o facto de serem o instrumento para reforçar a comunicação, e assim, os falantes fazem-se compreender melhor dos seus interlocutores.

Em frases com focalização exemplificadas no texto, vimos as propriedades do foco como um elemento contrastivo e de identificação. As estruturas com clivagem

servem para transmitir a entidade informativa contida pelo foco à consciência e logo à memória do destinatário, que, em relação, provoca uma mudança no estado de conhecimento dele (p.e. pode trocar a informação já existente, presumivelmente falsa por uma nova, correcta).

Fizemos, no artigo, uma pequena comparação com as estruturas clivadas do mesmo tipo do espanhol e inglês, já que o propósito deste trabalho foi também mostrar a grande variedade destas construções no português, que embora presentes em outras línguas, não apresentam tanta abundância de uso e forma. Basta de dizer que as estruturas semipseudo clivadas, tão frequentes no português falado e escrito, não têm equivalente nas outras línguas românicas.

BIBLIOGRAFIA

- Casteleiro, J. M., (1976/79), *Sintaxe e semântica das construções enfáticas com "é que"*, Boletim de Filologia, t. XXV, 97-163.
- Casteleiro, J. M., (1975), *Sintaxe do português falado no interior*, Boletim de Filologia, t. XXIV, 57-74.
- Pezatti, E. G., (1998), *Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre tema, tópico e foco*, Alfa, n. 42, 133-150, São Paulo.
- Sedano, M., (1995), *Variación de las hendidas en cinco lenguas romances*, Anuario de la Lingüística Hispánica, XI, 353-366.
- Vilela, M., (1999), *Gramática da língua portuguesa*, Livraria Almedina, Coimbra.